

**GABRIELLA ROSSETTI FERREIRA  
(ORGANIZADORA)**



**CULTURA,  
RESISTÊNCIA E  
DIFERENCIAÇÃO  
SOCIAL 2**

Gabriella Rossetti Ferreira  
(Organizadora)

# Cultura, Resistência e Diferenciação Social 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Lorena Prestes  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C968	Cultura, resistência e diferenciação social 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Cultura, Resistência e Diferenciação Social; v.2)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-524-2 DOI 10.22533/at.ed.242190908  1. Antropologia. 2. Identidade cultural. 3. Resistência cultural. I.Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.  CDD 306
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A obra “Cultura, Resistência e Diferenciação Social – Vol. 2” traz diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo das ciências humanas.

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos. A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espaço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica

aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural.

Gabriella Rossetti Ferreira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“OS SERTÕES”, CANUDOS E CONSELHEIRO: NEM TUDO É POSITIVISMO	
Izaias Geraldo de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.2421909081	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>18</b>
A PERSONALIDADE DE UM POVO, O TANGO E A SUA MEMÓRIA	
Daiane Glaucia de Oliveira	
Samuel Klauck	
DOI 10.22533/at.ed.2421909082	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
A TEORIA DA REVOLUÇÃO DO P.C.B.: OCTÁVIO BRANDÃO, A ALIANÇA DE CLASSES E O FEUDALISMO (1922-1935)	
Danilo Mendes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2421909083	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>43</b>
ANTROPOLOGIA E MODA: REFLEXÕES SOBRE A REDE DE CRIADORES E CRIADORAS DE SALVADOR	
Luana Nascimento Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.2421909084	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>54</b>
“APRENDI COM MINHA MÃE”: O CONHECIMENTO TRADICIONAL NO TRATAMENTO DE ALGUMAS DOENÇAS EM TRÊS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO RIO GRANDE DO SUL	
Adelmir Fiabani	
DOI 10.22533/at.ed.2421909085	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>72</b>
ARTE, CULTURA E MEMÓRIA NO PENSAMENTO DE FRIEDRICH NIETZSCHE	
Danilo Morae Lobo	
Auterives Maciel Jr	
DOI 10.22533/at.ed.2421909086	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>81</b>
CABARÉ DA RRRRRAÇA: O RECURSO DO RISÍVEL COMO METÁFORA DO ENTRE -LUGAR	
Gildete Paulo Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.2421909087	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>90</b>
COMUNIDADES TRADICIONAIS E A CONSERVAÇÃO DA FLORESTA: UM OLHAR SOBRE A COMUNIDADE VILA FRANCA, RESEX TAPAJÓS-ARAPIUNS, PARÁ, BRASIL	
Marcos Diones Ferreira Santana	
Emeli Susane Costa Gomes	
Luciana Edilena Santos Guimarães	
Ana Daiane Lopes Costa	
Jarlei Dominique Souza da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2421909088	



<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>101</b>
MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO E CULTURA JAPONESA DA UFRGS E O POEMA HAICAI: EM PROL DA DIFUSÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL À SOCIEDADE LOCAL	
Tomoko Kimura Gaudioso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2421909089</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>105</b>
NACIONALISMO SOCIAL, CORPORATIVISMO FASCISTA E “AUTORITARISMO INSTRUMENTAL” NO PENSAMENTO DE OLIVEIRA VIANNA	
Fabio Gentile	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090810</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>117</b>
O NEORREALISMO E O CICLO BAIANO DE CINEMA: A CONFIGURAÇÃO DE UM IDEÁRIO ÉTICO-ESTÉTICO NA BAHIA NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960	
Euclides Santos Mendes	
Milene de Cássia Silveira Gusmão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090811</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>127</b>
PONTOS DE CULTURA DO LITORAL NORTE E AGRESTE BAIANO E OS NOVOS PARADIGMAS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS	
Tárcio Leonardo Santos Mota	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090812</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>135</b>
SABERES E HISTÓRIAS DAS BENZEDEIRAS NO LITORAL DO RIO GRANDE DO SUL	
Ana Paula Danielli	
André Boccasius Siqueira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090813</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>142</b>
SENSIBILIDADES DO LEMBRAR E DO ESQUECER NOS CORDÉIS-MEMÓRIA DE JARID ARRAES	
Fernanda Santos de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090814</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>152</b>
TORÉ, UM DUETO DE FORÇAS QUE REÚNE POVOS ANCESTRAIS	
Elizabete Costa Suzart	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090815</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>164</b>
TROPICALISTAS: OUSADIAS EM NOITES DE <i>HAPPENINGS</i> E COMUNICAÇÕES INTERROMPIDAS	
Givanildo Brito Nunes	
Edson Silva de Farias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090816</b>	



<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>175</b>
UMA INTERPRETAÇÃO DA RELIGIOSIDADE LUSO-BRASILEIRA NA PERSPECTIVA PSICOSSOCIAL DE RUDOLF OTTO	
<a href="#">Michel Kobelinski</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090817</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>196</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>197</b>

## “OS SERTÕES”, CANUDOS E CONSELHEIRO: NEM TUDO É POSITIVISMO

**Izaias Geraldo de Andrade**

Doutorando em Ciências da Religião, UNICAP.

E-mail: izaiasgandrade@yahoo.com.br

Fone: (081) 984414432.

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo: Analisar a luz de novas pesquisa a pretensão euclidiana do uso rigoroso da cientificidade acadêmica para descrever o novimento de Canudos e seu Líder. Ancorado no problema da uniformidade de leitura de tal Movimento. Perguntamos-nos, como o Positivismo influenciou efetivamente a obra, Os Sertões? Utilizando as mais recentes pesquisas sobre a guerra, o povoamento e o líder de Canudos. Interpretando “Os Sertões,” e os escritos de Antonio Conselheiro com base teórica hermenêutica. Pretendendo saber o quanto positivista foi Cunha ao escrever sua obra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Positivismo. Conselheiro. Canudos. Os Sertões. Euclides da Cunha.

“OS SERTÕES”, CANUDOS AND CONSELHEIRO: NOT EVERYTHING IS POSITIVISM.

**ABSTRACT:** The present work has as objective: To analyze the light of new research

the Euclidean pretension of the rigorous use of academic scientificity to describe the newness of Canudos and its Leader. Anchored in the problem of reading uniformity of such a Newness. We ask ourselves, how did Positivism effectively influence the work, The Sertoos? Using the latest research on warfare, settlement and the Canudos Leader. With authors from the same period of Os Sertões, and the writings of Antonio Conselheiro with theoretical basis. Pretending to know how positivist Cunha was when she wrote her work.

### INTRODUÇÃO

As interpretações de modo geral, sobre Canudos foram influenciadas por “Os Sertões”, porque Cunha (1902) teria sido rigoroso cientificamente. Mas existiam autores importantes como Machado de Assis<sup>1</sup>, por exemplo, que via na figura do Conselheiro um líder popular, diferente de Euclides, que o tachou de louco, fanático, heresiarca bronco e outros. Qual deles tinha razão? Nossa reflexão poderá contribuir para novas interpretações desse objeto, reforçando a Revisão Histórica de Nogueira (1974) sobre Canudos/Conselheiro. Tal Revisão a partir dos textos de Conselheiro tem adeptos como: Otten 1990, Silva 1994,

1 Ver, CAPUANO, Cláudio de Sá. Entre ruínas e ecos: Canudos em múltiplas visões. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005. 256f. Tese (Doutorado em Letras).

Hoornaert 1998, Andrade 2008, e Vasconcellos, 2017, entre outros. “Os Sertões” inspirou estudos sobre Canudos/Conselheiro, desde o Messianismo à Luta de Classes.<sup>2</sup> Mas com que dados Euclides concebeu o episódio? Trabalharemos com Análise Bibliográfica/Conteúdo, sobre “Os Sertões”. Com esse procedimento contestaremos dados supostamente positivistas que Euclides usou para dissertar sobre Canudos, em “Os Sertões”. Justificamos nossa reflexão a partir da contradição existente, entre os dois intelectuais, (Cunha x Assis), na época da Guerra de Canudos. E ainda, sabe-se que enquanto Euclides escrevia seus trabalhos e Machado de Assis os dele, Antônio Conselheiro escrevia suas Prédicas aos Canudenses. Legado esse que reforça a tese de Assis e contradiz “Os sertões”. Os escritos do beato são hoje estudados em todo país, por vários pesquisadores que produzem novas e relevantes leituras do Movimento de Canudos e seu líder, resgatando uma reflexão próxima de Machado de Assis e diferente da que Euclides da Cunha fez e inspirou.

### **Euclides Versos Assis, Conselheiro/Canudos Entre 1897 E 1970.**

O discurso sobre Canudos coube além de Euclides da Cunha a formadores de opinião como, “Machado de Assis, assim como Afonso Arinos, Joaquim Nabuco ou André Rebouças”, (CAPUANO 2005, p.45). Depois da guerra a versão euclidiana prevaleceu e inspirou outras. Ataliba Nogueira em 1974 iniciou uma reação contra a perspectiva euclidiana, Silva (1996), deixa claro o caráter ambíguo, singular e ao mesmo tempo plural de “Os sertões”, que para ele está na gênese das teorias posteriores sobre o messianismo canudense e/ou do seu caráter revolucionário e utópico. Mas as teorias que beberam no legado euclidiano baseiam-se em dados fidedignos? Estaria, “Os sertões”, tanto quanto seus intérpretes de Canudos até os anos setenta se fiando em preconceitos enraizados na elite da época?

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha<sup>3</sup>, nasceu no estado do Rio de Janeiro, na cidade de Cantagalo em 1866, morreu em agosto de 1909, na cidade do Rio de Janeiro. Nesse caso, viveu uns 43 anos entre a segunda metade do século XIX e a primeira década do século XX, mesmo tendo morrido cedo, o período entre séculos que viveu corresponde a uma efervescência mundial, seja na produção intelectual, social, política e científica, seja no desenvolvimento tecnológico, com destaques para a Europa e USA. O Brasil como periferia do capitalismo recebe, talvez de forma enviesada toda influência desse contexto mundial.

Nesse século XIX, viveram na Europa nomes como Auguste Comte, Nietzsche, Karl Marx, Max Weber entre outros; nos EUA os Irmãos Wright, Thomas Jefferson e os presidentes norte-americanos que deram destaque a república yankee<sup>4</sup>. No Brasil nomes como Rui Barbosa, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Benjamin Constant, Santos

<sup>2</sup> Ver, SILVA, José Maria de Oliveira. Canudos e a tradição revolucionária no Brasil. Cadernos UFS História. São Cristóvão, v. 1, n. 1, p. 13-78, 1994 anual.

<sup>3</sup> Sobre a vida e o contexto de Euclides em: BRANDÃO, Adelino. Paraíso perdido: Euclides da Cunha - vida e obra. São Paulo: IBRASA, 1996.

Dumont apresentam-se a cena sócio-política, e intelectual. No entanto, esse contexto é ambíguo, pois enquanto na Europa desenvolvem-se ideias libertárias, também os ideais conservadores e tradicionais reagem às mudanças. Os nacionalismos e novos estados nacionais como a Itália e a Alemanha unificadas surgem. A França passa por reviravoltas assumindo definitivamente o ideal republicano. O processo de descolonização torna-se um neocolonialismo no qual os USA declaram as “Américas para os americanos”. E, nesse ambiente, o Brasil é o último país da América a abolir a escravidão e derrubar a monarquia que o identificava com o velho continente e a ordem tradicional. E ainda, no bojo de toda essa situação a educação era deficitária e a elite não enxerga o cerne do problema social brasileiro, focando a atenção muito mais no que deveria ser um povo brasileiro ideal, que em como melhorar as condições reais da vida desse povo real<sup>5</sup>.

Euclides da Cunha imerso nesse contexto internacional e nacional vive e milita uma mudança da sociedade brasileira, mas seu foco como boa parte da elite da época é na mudança do regime político. Após, servir o exército onde conhece Benjamim Constant no período imperial, a instituição com a instauração da república e depois exerce a profissão de engenheiro militar. Terminados os governos militares e já no fim do primeiro governo civil republicano do Brasil, Euclides que contribuía com escritos no eixo Rio/São Paulo, passa a publicar artigos sobre a Guerra de Canudos, como ficou conhecida a resistência dos Sertanejos nordestinos, à agressão estatal republicana contra os Canudenses. Antes de cobrir a guerra, ele escreverá um artigo sobre o conflito, “Nossa Vendéia<sup>6</sup>”, no qual fixa a natureza política do litígio. O que é um problema, pois embora o político esteja presente no Movimento de Belo Monte, o consenso a partir das análises dos escritos do Conselheiro é que se tratava de Movimento essencialmente sócio religioso<sup>7</sup>, assim, o beato não era um político. Mas Euclides o considera uma espécie de coronel religioso. A publicação de “Os sertões” por Euclides da Cunha em 1902 foi um marco para a História de Canudos. Mas até que ponto o legado deixado por esse jornalista em relação à Guerra de Canudos pode levar a compreensão do fenômeno do Conselheirismo?

---

4 Podemos encontrar perspectivas gerais e específicas em: OSCAR, Aquino Jacques Denize. História das sociedades – das sociedades modernas às sociedades atuais. Rio de Janeiro: Editora Afiliada, 1999, parte II, unidades III/VI, p. 344/392. Também em: HOBBSBAWN, Erik J. Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991. 3. ed. Trad. de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

5 Sobre as questões: da elite do Império, seu final, bem com a ascensão da República, sua elite e a relação destes com o império é possível formar consensos a partir de: NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; MACHADO, Humberto Fernandes. O império do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999 p. 183/84/85 E ainda: CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

6 O artigo, “Nossa Vendéia”, foi reproduzido numa publicação organizada a partir do diário de Euclides, a saber: CUNHA, Euclides da. **Canudos diário de uma expedição**. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2016.

7 É possível encontrar posição sobre a natureza sócio religiosa do Movimento de Canudos em: VAS-CONCELLOS, Pedro Lima. Messianismo, problemas de um conceito. In: ARAGÃO; CABRAL; VALLE (org.). **Para onde vão os estudos da Religião no Brasil**. São Paulo: ANPTECRE, 2014, p. 121-138.

Embora, Messianismo e marxismo como o de Facó, por exemplo, tenham se utilizado de terminologia nova sobre Canudos, neles, “não há um rompimento total em relação a Os Sertões e intelectuais liberais do passado” (SILVA 1996, p.19), e continua Silva, “utilizando aspectos e conceitos de Nabuco, Tavares Bastos, André Rebouças, Silvio Romero todos avessos a estrutura agrária do país” à época da Guerra e que são incorporados as análises marxistas. Mas além da influência de textos de Euclides, já na época da guerra Machado de Assis se levantava criticamente contra o sensacionalismo da imprensa, em suas crônicas, segundo Marcos Fabrício Lopes da Silva:

A postura de Machado no caso de Canudos põe em xeque a crítica de Alceu Amoroso Lima que acusa o cronista de ‘voz da elite’ (1941, p. 41), por não comportar em seus escritos o drama social brasileiro, ao contrário de Euclides da Cunha, que descreve um Brasil além do litoral. Acontece que Euclides retratou Antônio Conselheiro como personagem trágico, guiado por forças obscuras e ancestrais e por maldições hereditárias, que o teriam levado à insanidade e ao conflito com a ordem. Viu Canudos como desvio histórico capaz de ameaçar a ‘linha reta’, que se ligava ao conceito linear e evolutivo de história, adotado por positivistas e evolucionistas, que acreditavam no aperfeiçoamento progressivo do homem e da sociedade. Levando-se em conta que Machado não foi ao interior da Bahia e, mesmo assim, resistiu à cobertura tendenciosa da imprensa sobre esse importante movimento social, o cronista de A ‘Semana’ investiu sua pena em outra margem interpretativa, destacando Antônio Conselheiro e Canudos como elementos fundamentais para denunciar a fragilidade do poder republicano e da grande imprensa em responder aos anseios de um povo tão sofrido e compreender uma forma particular de coletivismo dotada de uma grande capacidade de autogestão econômica, política e social (Lopes da SILVA, 2005, p.133).

Portanto para Marcos F. L. da Silva, o veterano literato é em suas crônicas um crítico sócio-político caminhando na contramão dos discursos ufanistas republicanos de sua época, de forma que seus textos vão chocarem-se diretamente com os textos de Euclides, quanto a quem era o Conselheiro e conseqüentemente o que era Canudos.

## **A Proposta de Revisão de Canudos**

Esquecidos os textos e críticas machadianos, o problema colocado pelo confronto das vertentes euclidianas que interpretaram Canudos e Conselheiro é que elas praticamente se anulam no tocante as causas do evento em tela. E como equacionar o problema do conceito de Messianismo? Ora supervalorizado, ora menosprezado. O antropologismo usa-o como certeza de compreensão da mentalidade do sertanejo e por das causas do Movimento do Conselheiro e da Guerra. Os marxistas retiram a ênfase causal dessa perspectiva enfatizando a luta entre classes, transformação da sociedade, superação da religião e dos sistemas econômico/político tradicionais, menosprezando os aspectos culturais. Por causa dessa perspectiva dos marxistas, os antropólogos que usam o conceito de messianismo privilegiadamente, têm levado a vantagem na discussão, pois sua categoria tem comprovação mais empírica respaldando com mais segurança as afirmações científicas, o que não as salvam, numa análise mais crítica de uma perspectiva também reducionista e determinista. Vasconcellos (2014) aponta para o esgotamento do conceito antropológico/sociológico de Messianismo e seus

problemas para a continuação dos estudos de Canudos e seu líder.

A intelectualidade jornalística de Euclides foi influenciada por contexto internacional e nacional e pelo determinismo geográfico em vigor na ciência da época e “Os Sertões”, obra que o imortalizou, dividida em “A terra”, “O homem” e a “Luta” ambicionava responder as perguntas sobre as causas e um possível efeito da Guerra de Canudos. Para Silva (1994), tal obra serviu de fonte, onde beberam tanto o Messianismo de Maria Izaura de Queiros, quanto a Revolução camponesa de Facó e Edmundo Muniz<sup>8</sup>. Seu alcance como fonte foi plural e sua influência é vista ainda hoje como ímpar.

Mas para o consenso científico atual sobre Canudos, tal obra é essencialmente literária e testemunhal. Para Andrade (2008) a bibliografia científica mais atual tem se preocupado em desvelar Canudos a partir da Revisão Histórica proposta por Ataliba Nogueira. Esse propôs uma revisão tendo como trunfo, os inéditos escritos de Conselheiro e abriu novos caminhos para a busca da compreensão da mentalidade do líder de Canudos e do viés de sua religiosidade popular. Para Silva (1994), houve o surgimento a partir da década de 1980 de uma terceira corrente<sup>9</sup> de pensamento, atrelada a grupos de intelectuais independentes, e outros ligados a estudos sobre a religião que partiram das prédicas do Conselheiro, publicadas por Nogueira. Esse grupo de pensadores agrega nomes como Fiorin (1980), Otten (1990), Hoonart (1998), o próprio Silva (1996) entre outros.

Para esses a Religião e a religiosidade popular são formas de atuação inteligente do povo e seus líderes na luta político-social e contra a crise de sentido<sup>10</sup>. Esse é o contra ponto essencial a “Os Sertões” e as correntes que beberam nas suas ideias reducionistas sobre o fator religioso na vida das pessoas e nesse caso, na atuação dos Canudenses e seu líder. O embate entre as correntes interpretativas de Canudos tornou-se instigante e mais complexo a partir dessa terceira via de cunho até certo ponto, fenomenológico.

## Positivismo: Origem

Atualmente o termo Positivismo levanta muita controvérsia. LACERDA, (2009), aponta justamente para esse panorama de multiplicidade na semântica da palavra, O autor em seu resumo aponta para as pesquisas dos últimos dez anos sobre o Positivismo/Comtismo numa perspectiva interna e compreensiva da obra “sistema politique positive, 1851-185”. Procura suas contribuições para a contemporaneidade e

---

8 Cf. FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

9 Segundo o prof. Dr. José Maria de Oliveira Silva, a Primeira corrente, “Messianismo” e os interpretes que o consideram chave de leitura para entender Canudos/Conselheiro; Segunda corrente, Marxistas e os que consideram a “Luta de classes” como chave de leitura; Terceira corrente intelectuais independentes e ou ligados aos estudos de Religião e a Igreja.

10 Ver, GRODIN, Jean. **Que saber sobre: filosofia da religião**. Trad. de Lucia Mathilde Endlich Orth. Aparecida: Ideias e Letras, 2012.



por isso analisa o pensamento, para ele controverso, de Anthony Giddens, padrão da atividade sobre o Positivismo atualmente.

Porém, é necessário compreender que tais discussões são inerentes a condição atual do Positivismo. Muito longe da discussão proposta por esse artigo que tenta absorver o fluxo teórico originário que teria influenciado Euclides da Cunha ao Escrever “Os Sertões” (1902). LACERDA, (2009), introduz o termo falando da negatividade que se tem em relação ao termo Positivismo atualmente. E que mesmo não existindo um Positivismo único sua gênese é atribuída a Augusto Comte. Sempre, sem se levar em consideração um grupo semelhante, mas distinto de teorias atribuídas ao Positivismo. Destaca as acusações atribuídas ao Positivismo e que quase sempre recaem sobre o pensamento de Comte.

Comte, segundo Lacerda, “Decide adotar os procedimentos dessas mesmas ciências para estudar a sociedade essa postura seria movida por um desejo similar de aplicação prática dos conhecimentos científicos. Resumindo, na formula (prever para poder), sendo sua metodologia “naturalista” caracterizando-se na busca de leis naturais e que depois Durkheim teria criado sobre essas leis a regra de pensar os fatos sociais como coisa.

Lacerda enfatiza que (Philosophie) de Comte é uma volumosa obra escrita em doze anos e composta por seis volumes, ressaltando assim que Comte fez: “Um exame sistemático das ciências abstratas constituídas (à época) por, matemática astronomia, física, química, e biologia, que não eram um fim em si mesmo”, mas busca pela construção da ciência da sociedade, denominada de física social e depois rebatizada de sociologia. Em primeiro volume dedicou-se a progressão das ciências preliminares e na outra metade procurou definir o objeto e a metodologia da Física Social, como queria denominar, a Sociologia, Comte.

## O que é Positivismo?

Segundo o dicionário de significados online, “o Positivismo é uma corrente de pensamento filosófico, sociológico e político que surgiu em meados do século XIX na França”. Como principal diretriz o positivismo tomava o conhecimento científico, ele deveria ser reconhecido como o único verdadeiro. Para o pensador francês Auguste Comte, as superstições, religiões e demais ensinos teológicos deveriam ser ignorados, porque não colaborariam com o desenvolvimento da humanidade. A obra “Apelo aos Conservadores”, de 1855, de Comte Surge no seu jargão o termo “positivo” pela primeira vez, ele descreve o significado da Lei dos Três Estados, ou seja, as etapas pela qual o ser humano passou (e passa) em relação as suas concepções e valorizações da vida, segundo o qual deveria passar por três estágio de compreensão teórica sobre a vida: O Teológico, no qual, há a explicação de fenômenos naturais a partir de crenças sobrenaturais. Onde “... a imaginação desempenha papel de primeiro plano. Diante da diversidade da natureza, o homem só consegue explicá-la



mediante a crença na intervenção de seres pessoais e sobrenaturais” Pensadores p 16.; O Metafísico ou Abstrato, que seria um meio termo entre o estado “teológico” e o “positivismo”, “a diferença reside no fato de a metafísica colocar o abstrato no lugar do concreto e a argumentação no lugar da imaginação”, Pensadores p 18; e, por fim, o Positivo, em que se ocupa do como acontecem; o processo. “O estado positivo caracteriza-se, segundo Comte, pela subordinação da imaginação e da argumentação à observação”, Pensadores p 19, a descrição de processos internos ao mundo.

Para ABBAGNANO:

O Positivismo (in. Positivism- fr. Pasitivisme, ai. Positivismus; it. Positivismo). Este termo foi empregado pela primeira vez por Saint Simon, para designar o método exato das ciências e sua extensão para a filosofia (De la religion Saint-Simonienne, 1830, p. 3). Foi adotado por Augusto Comte para a sua filosofia e, graças a ele, passou a designar uma grande corrente filosófica que, na segunda metade do séc. XIX, teve numerosíssimas e variadas manifestações em todos os países do mundo ocidental. A característica do P. é a romantização da ciência, sua devoção como único guia da vida individual e social do homem, único conhecimento, única moral, única religião possível. Como Romantismo em ciência, o P. acompanha e estimula o nascimento e a afirmação da organização técnico-industrial da sociedade moderna e expressa a exaltação otimista que acompanhou a origem do industrialismo. É possível distinguir duas formas históricas fundamentais do P.: o P. social de Saint-Simon, Comte e John Stuart Mill, nascido da exigência de constituir a ciência como fundamento de uma nova ordenação social e religiosa unitária; e o P. evolucionista de Spencer, que estende a todo o universo o conceito de progresso e procura impô-lo a todos os ramos da ciência (para o positivismo evolucionista, v. EVOLUCIONISMO). As teses fundamentais do P. são as seguintes: 1- A ciência é o único conhecimento possível, e o método da ciência é o único válido: portanto, o recurso a causas ou princípios não acessíveis ao método da ciência não dá origem a conhecimentos; a metafísica, que recorre a tal método, não tem nenhum valor. 2- O método da ciência é puramente descritivo, no sentido de descrever os fatos e mostrar as relações constantes entre os fatos expressos pelas leis, que permitem a previsão dos próprios fatos (Comte); ou no sentido de mostrar a gênese evolutiva dos fatos mais complexos a partir dos mais simples (Spencer). 3- O método da ciência, por ser o único válido, deve ser estendido a todos os campos de indagação e da atividade humana; toda a vida humana, individual ou social, deve ser guiada por ele. O P. presidiu à primeira participação ativa da ciência moderna na organização social e constitui até hoje uma das alternativas fundamentais em termos de conceito filosófico, mesmo depois de abandonadas as ilusões totalitárias do P. romântico, expressas na pretensão de absorver na ciência qualquer manifestação humana

Assim, o processo em detrimento de outras explicações ganha espaço no contexto teórico da evolução do pensamento humano. Estabelecendo parâmetros considerados seguros para a obtenção da verdade do e sobre o mundo. As técnicas científicas detém o status de único método capaz de validar a Verdade sobre os fenômenos do mundo só pode ser explicada através dela.

Para explicar convenientemente a verdadeira natureza e o caráter próprio da filosofia positiva, é indispensável ter, de início, uma visão geral sobre a marcha progressiva do espírito humano, considerado em seu conjunto, pois uma concepção qualquer só pode ser bem conhecida por sua história. Comte, (p, 35)

Assim, desenvolve uma outra característica, a ideia de conhecimento cumulativo, que atingiria toda a humanidade, não importando em qual cultura surgiu ou se

desenvolveu; centralizando-se em sete termos e significados. Distinto por Comte: real, útil, certo, preciso, relativo, orgânico e simpático. Que cumprem o papel de esclarecer o que é Positivo ou não, a obra “Apelo aos Conservadores” (1855). Hoje duas características são adotadas por todas as outras. Uma **visão de conjunto**, ou “orgânico” o **relativo** à. E, o “**simpático**”, que consiste em afirmar que as concepções e ações humanas são modificadas pelos afetos das pessoas. Implica dizer que em Auguste Comte a subjetividade é traço característico e fundamental do ser humano, que deve ser respeitado e desenvolvido, porém não generalizável e positivo.

## Brasil: Positivismo E Euclides

O positivismo esteve desde o princípio no ideário do estado republicano brasileiro, mesmo parte de seu lema figura na bandeira nacional republicana do Brasil, mas como, república, exército e Euclides da Cunha, intelectual e militante republicano, o conceberam?

No seu sentido mais restrito e de acordo com o seu significado histórico, positivismo designa a doutrina e a escola fundadas por August Comte. Esta doutrina compreende não só uma teoria da ciência, mas também, e muito especialmente, uma reforma da sociedade e uma religião. Como teoria do saber, o positivismo nega-se a admitir outra realidade que não sejam os factos e a investigar outra coisa que não sejam as relações entre os factos. Pelo menos no que se refere à explicação, o positivismo sublinha decididamente o como e evita responder, ao quê, ao porquê, ao para, e ao para quê. Junta-se a isso, naturalmente, uma decidida aversão à metafísica e isso a um extremo tal que, por vezes, se considerou que este traço caracteriza insuperavelmente a tendência positivista (MORA, 1978, p. 222).

A concepção de positivismo embora larga atualmente, foi construída num contexto histórico, geográfico, e filosófico específico, e tudo indica que sua gênese esteja relacionada a natureza do capitalismo ocidental/europeu. Esse sistema sócio econômico tem um véis essencialmente cíclico, no âmbito do qual a cada ciclo de prosperidade ou decadência, outro superficialmente renovado se sucede trazendo novamente bonança e ou decadência. É possível ver nele, ambiguidade no sentido de que existe acumulação de capital e concentração de renda em períodos de crise/decadência, que proporciona benefícios em constância para uma minoria social em detrimento da deterioração social geral da maioria da população principalmente do número de marginalizados que nele tende a crescer.

O celebre, Isidore August Marie François Xavier Comte, nascido em 1798, dois anos antes do início do séc. XIX, e falecido em 1857, portando, na segunda metade desse século. Assim quando Karl Marx nasce em 1818, Comte estava com, 20 anos de vida, as voltas com a realidade social francesa da época, em busca de sobreviver, significar sua vida e na luta para contribuir com a sociedade francesa. Entre os anos de 1848/52, faltando ainda, de nove, à cinco anos, para morte de Comte, Marx/Engels<sup>11</sup> publicam o “Manifesto Comunista” e “18 de Brumário” é a “Primavera dos povos” que tinha raízes profundas no processo de industrialização do século XVIII no qual nasceu Comte. O que o positivismo compartilha com essas questões?

Comte, ao princípio católico, professor de matemática e intelectual veterano, à época das primeiras aventuras intelectuais/políticas de Marx, que era ao princípio judeu, ativista, filósofo/jornalista, teriam algo em comum? Ambos a despeito do sucesso atual de suas teorias, que de modo geral posicionam-se politicamente no mundo atual, mais à direita e mais à esquerda, eram intelectuais periféricos, para não usar, excluídos dos círculos da elite da época. A alta burguesia desse período, hegemonicamente racionalista e anticlerical canalizava para si todos os privilégios inclusive o da livre expressão, desde que dentro dos seus padrões e interesses. A dialética materialista marxiana e o formalismo matemático comtiano, têm em comum a busca por resolver o problema central de seus primeiros personagens históricos fundadores. Trata-se da marginalização a que o sistema capitalista vigente lhes impusera, pois, as questões de ordem existencial deles refletiam-se também na ordem social geral de forma mais grave. Distintos um do outro, pessoalmente, procuravam igualmente transformar a sociedade em que viviam a partir de seus discursos, enquanto para um a revolução proletária seria solução, para o outro, o amor/ordem/progresso, solucionaria os problemas sociais vigentes em sua época e adiante. Sobre a perspectiva comtiana em Paul Arbose Bastide é possível ver que ainda em 1851, apesar de não ter renome social e mesmo condições de vida independente, ajudados por amigos escrevia Comte:

De Thouloze: 'estou convencido de que antes do ano de 1860 pregarei o positivismo em Notre-Dame como única religião real e completa'. O fundador da religião universal era, ao mesmo tempo, o seu sumo-sacerdote. Institui um selo pontifício onde o título Religião da Humanidade circunscreve a fórmula sagrada do positivismo: amor como princípio e a ordem como base; o progresso como objetivo (BASTIDE, 1984, p.18 )

Em 1860 Comte estava morto já a três anos, mas os pressupostos lógicos matemáticos de seus escritos posteriormente foram alijados da relação com o amor, que ele se referia na ocasião acima descrita e foram usados junto com a justificativa do avanço tecnológico para justificar o que seria o lema de uma nova fase burguesa, como sendo a ordem, um pressuposto louvável para garantir o progresso da humanidade.

No Brasil os anos da década de 1860 à 1870 foram marcados principalmente pela Guerra do Paraguai<sup>12</sup> e no estado incipiente de nação, a sociedade do Brasil/elite, embarcava no maior e mais sangrento conflito entre estados latinos americanos. Era Davi/Paraguai contra Golias/Brasil, um império de dimensões continentais *versos*, um diminuto estado-nação, Tupi-Guarani originário de Missões Jesuíticas. Nesse episódio heroico/paraguaio, o Davi das Américas, foi quase totalmente aniquilado pelo Golias imperial com o apoio dos seus vizinhos, Uruguai e Argentina e do mais sofisticado em material bélico fornecido pela indústria burguesa da Europa ocidental. Ao final de

---

11 Ver, MAGALHÃES, Fernando. **Dez lições sobre Marx**. 6. Ed. Petrópolis: Vozes, 2015. Perspectivas marxianas.

12 CHIAVENATO, Júlio José. **Genocídio americano: a guerra do Paraguai**. São Paulo: Brasiliense, 1979. Ver também: *Idem*, **As lutas do povo brasileiro: do descobrimento a Canudos**. São Paulo: Moderna, 1988 e *Idem*, **As meninas do Belo Monte**. São Paulo: Imprensa, 1993.

cinco anos de luta o “genocídio americano” estava selado, o algóz/Brasil altamente endividado e o exército brasileiro em momento crucial de sua gênese.

As lições tiradas desse triste episódio da história latino-americana, sob um ponto de vista ético não foram bem assimiladas pela elite brasileira, pois, a imprensa que de modo geral, na época foi ufanista inconsequente, era parte da elite ou vinculada a ela, sendo suas principais críticas *apriore e posteriore* direcionadas aos efeitos administrativos e sociais internos do Brasil. Nesse momento observa-se que o exército imperial era praticamente inexistente e o pouco que existia era desqualificado e desequipado. Apesar disso a vitória leva a monarquia e os monarquistas a prestigiarem-se e identificarem-se ao Império Inglês. Mas outras análises mais sagazes da época enxergam na República Tupi-Guarani louvores, e é possível que o sistema republicano paraguaio tenha impressionado pelo heroísmo, desenvolvimento industrial, ideal nacional e sua resistência prolongada aos poderosos inimigos que o destruíram.

Voltando ao continente europeu, a França oscilava entre república e império, até que a partir de 1870 se instala um regime republicano duradouro nesse país, enquanto nas Américas o México também abandona a monarquia e o Brasil passa a ser o último reduto monarquista americano. Se ainda os neófitos da elite brasileira tinham dúvidas quanto à identificação do Brasil com a velha república Norte Americana em ascendência, para muitos o exemplo nacional daquele pequeno estado Tupi-Guarani incrustado nas entranhas da América do Sul era um esplêndido exemplo de desenvolvimento da nacionalidade mestiça e república independentes. Dessa forma, França, USA, México e Paraguai eram exemplos cabais do potencial do sistema republicano de governo, e mais, esse último tratava-se de nação mestiça, sendo relevante o fato, de que, excetuando-se algumas poucas famílias nobres e a família imperial do Brasil a maioria da população e principalmente a incipiente classe média brasileira se via também identificada com os índios, dos quais muitos eram descendentes. Seria o Brasil um Paraguai? Não, como pequena república!

Aliado ao contexto acima, a situação das ciências técnicas baseada a época na matemática, elemento básico da concepção do formalismo doutrinário positivista, era o cerne do desenvolvimento industrial naquele século. Euclides<sup>13</sup> nasce nesse contexto da década de 1860/70 e a Guerra do Paraguai vai perdurar por muito tempo no imaginário da elite, do povo e do estado brasileiro, esse buscando se organizar administrativa e militarmente. Nas últimas décadas do século XIX, dois importantes estados nacionais europeus se unificam (Itália, Alemanha), sob regime monárquico e nesse período o escritor de “Os sertões” adentra ao exército do império, no qual se revolta contra as autoridades marciais, uma vez que sendo republicano serve a monarquia. Tal controvérsia leva-o a ser expulso do exército, que ao derrubar o regime imperial no golpe de estado de 1889, instaura a República e reabilita militares

13 BRANDÃO, Adelino. Águas de amargura: O drama de Euclides da Cunha e Anna. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1990 e VENANCIO FILHO, Francisco. **Euclides da Cunha e seus amigos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

republicanos, inclusive o Euclides. O cidadão, militar, engenheiro e agora escritor já não aceita mais a vida da caserna e passa a servir como engenheiro em obras públicas dirigidas pelo exército, enquanto escreve nas horas vagas para os jornais de São Paulo/Rio. Assim no artigo, “A Nossa Vendéia”, escreve sobre Canudos inspirando-se na famosa revolta francesa conhecida como, “Vendeta”. É o início do que seria mais tarde objeto da obra que o colocou na Academia Brasileira de Letras. O início da Guerra de Canudos não foi testemunhado, *in loco*<sup>14</sup>, por Euclides, que a retrata em “Os Sertões”, livro o qual ele inicia em nota com o seguinte objetivo:

Esbouçar, palidamente embora, ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil. [...] por que a sua instabilidade de complexos de fatores múltiplos e diversamente combinados, aliada às vicissitudes históricas e deplorável situação mental em que jazem, as tornam efêmeras, destinadas a próximo desaparecimento ante as exigências crescentes da civilização e a concorrência material intensiva das correntes migratórias que começam a invadir profundamente a nossa terra (CUNHA, 1995, p. 07).

Esse objetivo acima consta da nota preliminar à primeira edição de seu livro, mas Euclides dedica quase metade da obra “A luta” em Canudos e menciona Conselheiro e Canudos desde as dissertações sobre “A terra e O homem”, as duas primeiras partes de seu livro. Por que ele faz isso? Se logo acima dessa afirmação diz ser Canudos “apenas variante de assunto geral” de seu tema.

### **Analizando “Os Sertões”**

Analizando a obra de Euclides de forma panorâmica à caracterizaremos com os contextos da época. Encadearmos a análise partindo das notas à primeira e segunda edições de “Os sertões”, ambas feitas pelo próprio Euclides. Depois partirem na sequência do livro pontuando os itens sobre as partes: O homem, A terra e A luta. Utilizaremos a 37ª edição, Francisco Alves de 1995, que como é possível observar pela quantidade de edições sem sombra de dúvidas é a mais usual.

Na nota à primeira edição citada, nas págs.7/8 o autor deixa claro que o livro não trata da Guerra de Canudos devido o atraso da publicação que a tornou assunto defasado. Ao desenvolver o texto da nota, argumenta que intenta contribuir, “Ante o olhar de futuros historiadores”, sobre a situação das sub-raças sertanejas do Brasil, que entre outras características encontravam-se numa “deplorável situação mental” o que entre outras questões, às levariam ao desaparecimento. Para Euclides o jagunço, o tabaréu e o caipira seriam os tipos característicos do sertanejo do Brasil, “retardatários hoje, amanhã se extinguirão de todo”, pois, “A civilização avançará nos sertões impelida” entre outras questões pelo “esmagamento inevitável das raças fracas pelas fortes”. Mas paradoxalmente o autor convida o leitor a denunciar o crime acontecido em Canudos. E como conclusão da nota se declara um narrador sincero.

---

14 Segundo Walnice Nogueira Galvão em “Euclides Militante da Republica”, ele chega a Salvador na Bahia no dia 12 de agosto de 1897 nesse caso vai chegar no Sertão próximo a Canudos faltando em torno de um mês para terminar a guerra.



Nos textos das notas à segunda edição Euclides tece argumentos sobre as críticas recebidas na ocasião da primeira edição. Essas notas constam de nove comentários. Primeiro comentário introduz as notas, enfatizando o sucesso do livro apesar de ter sido “atirado à publicidade, sem amparos de qualquer natureza” e conclui reconhecendo a crítica positiva aos textos, embora com ressalvas que ele vai procurar esclarecer uma a uma. No geral os críticos à 1ª edição, tratam de questões técnicas, sejam linguísticas, sejam das ciências, mas alguns tratam da coerência do pensamento. Vejamos a análise e estruturação de seu texto:

A Terra – Dividida em: I Preliminares, A entrada do sertão/ Terra ignota/ Em caminho para Monte Santo/ Primeiras impressões/ Um sonho de geólogo; II Golpe de vista de Monte Santo/ Do alto da Favela; III O clima/ Higrômetros singulares; IV As secas/ Hipóteses sobre sua gênese/ As caatingas; V Uma categoria geográfica que Hegel não citou/ Como se faz um deserto/ O martírio secular da Terra. Neste momento da obra, Euclides de forma eloquente descreve suas impressões da geografia sertaneja de modo específico e geral simultaneamente, colocando a seu favor, além de retórica refinada e até certo ponto dialética, os conhecimentos técnicos geológicos mais atuais de seu tempo. Tal fato leva-nos a considerar a fluência e exatidão desse discurso para os padrões da época. Ele adiciona nesse momento já inferências sobre a atuação “civilizatória de Entradas e Bandeirantes”, e das estradas de ferro. O seu texto sobre a terra sertaneja encontra-se inserido na concepção de sertão, a qual se refere a todo interior do Brasil contrapondo se ao litoral. Nessa perspectiva, além de haver um litoral mais organizado por fatores históricos, também existe um sertão melhor no sentido tanto dos aspectos climáticos, quanto aos raciais favoráveis à civilização. Mais a frente, cita Hegel, que “delineou três características geográficas como elementos fundamentais colaborando com outros no reagir sobre o homem, criando diferenciações étnicas”. E enaltece a atuação da França no combate a seca em suas colônias na África. A referência civilizatória do autor é a modernidade/burguesa na França/Europa ocidental e suas citações em francês ao longo do livro testemunham isso.

O Homem – compõe-se de cinco itens como: I A complexidade do problema etnológico no Brasil/ Variabilidade do meio físico e suas reflexões na História; II Gênese do jagunço/ Colaterais prováveis dos paulistas; III O sertanejo/ tipos díspares: o jagunço é o gaúcho/ Os vaqueiros - servidão inconsciente; IV Antônio Conselheiro, documento vivo de ativismo/ Um gnóstico bronco; V Canudos – antecedentes – aspecto original, crescimento vertiginoso/ Regime da urbs/ Polícia de bandidos. Ao introduzir esse trecho da obra o autor menciona os três grandes grupos componentes do povo brasileiro reporta-se a pré-história do Brasil, bem como ao processo histórico da colonização portuguesa, a interação com o índio e o africano. Da qual, “pode afirmasse que pouco nos temos avantajados” e isso apesar da complexidade, do processo histórico, dos fatores geográficos e da “nossa evolução biológica [que] reclama a garantia da evolução social.” Estamos então “condenados a civilização.” Ou “progredimos ou desaparecemos”.

A Luta, grande divisão da obra referente ao problema específico da Guerra de Canudos, começa com a, Parte Preliminar, subdividida em itens, I/II/, como as anteriores e ao terminar é seguida por Travessia do Cambaio; Expedição de Moreira Cesar; Nova fase da luta e Últimos dias, todas também subdivididas dessa forma. Nesse grande bloco dissertativo podemos dizer que no contexto imediato da guerra, a madeira comprada por Conselheiro, para cobrir a igreja nova e que não foi entregue, foi o estopim do conflito e serviu como armadilha para os Canudenses. Mas Euclides menospreza esse fato e traz a cena outro elemento social sertanejo, o cangaceiro, distinguindo-o do jagunço apenas pelas armas usadas por uns e outros. Pois, pra ele, “o cangaceiro da Parnaíba e Pernambuco, é um produto idêntico, com diverso nome. Distingue-o do jagunço talvez a nulíssima variante da arma predileta.” Do início de “A luta” à parte final da obra, os textos se aproximam de 50% das páginas de “Os sertões”, todos referentes aos combates entre o exército e os Canudenses, mas para Euclides não se tratava de uma guerra comum, era a civilização contra “os bandidos soltos – capangas em disponibilidade, procurando um teatro maior à índole e a valentia impulsiva”.

### Considerações Finais

Os Sertões, Canudos e Conselheiro não podem ser interpretados à luz de um positivismo historicizante. Assim as explicações e perspectivas sobre a realidade e soluções dos problemas brasileiros, pelo lado das elites, sempre estiveram atrelados a teorias e práticas estranhas ao Brasil e seu povo. Por isso a civilização ocidental atravessou as Américas e o Brasil, no começo com elites estranhas e posteriormente com elite autóctone, deixando um rastro de morte, genocídio e antropofagia imensurável. Escusado as questões de juízo moral e culpabilidade, é essa elite que vai ser o impulso e o desejo de Euclides. Por que escrever um livro tão denso, de seiscentas e tantas páginas? Qual o sentido disso? O conteúdo ambíguo de “Os sertões” pode dar várias respostas. Mas, com quais teorias Euclides montou sua dissertação? Esse foi o objetivo dessa reflexão.

No panorama da discussão sobre Conselheiro e Canudos entre 1897 e 1970 a proposta interpretativa de Euclides da Cunha satisfaz a necessidade das elites de entender e justificar os acontecimentos que envolveram e foram envolvidos pela busca da sobrevivência e do sentido da vida pelos sertanejos nordestinos. Euclides subsidiou as teorias antropológicas do Messianismo e do Marxismo, mas novos rumos foram tomados pela proposta de Revisão da História de Canudos.

Produzimos nossas considerações finais a partir das respostas as nossas perguntas dispostas pelo texto, dessa forma pensamos compreender nosso problema de pesquisa da seguinte forma: Em Euclides da Cunha existe uma pseudociência. Numa visão por sobre o conjunto de sua obra fica claro que todos os textos anteriores “A luta”, são introdutórios a ela, e nela e em toda obra, todos os textos e argumentos visam



justificar o que se diz sobre Conselheiro e Canudos, em a “Luta”. Ao perguntarmos: Com quais dados Euclides da Cunha sustentou suas inferências sobre Canudos e Conselheiro? Podemos responder que nenhum dado específico. Tudo que foi escrito por Euclides estava preestabelecido na sua visão utópica de uma ciência civilizadora e salvadora da humanidade e extintora da barbárie. Os conhecimentos adquiridos nas revoluções comerciais e industriais e o reflexo das “Luzes” em sua luta contra o domínio tradicional da outrora poderosa Cristandade refletia-se retardatária no pensamento de Euclides, Dom Quixote às avessas, sonhou com uma cruzada científica civilizadora contra seu suposto inimigo as “raças fracas” e suas superstições. Apesar de ter conclamado os leitores a denunciar o crime cometido em Canudos, para ele a guerra era inevitável e cabia ao exército garantir a república e com ela a civilização, talvez por isso no discurso euclidiano seja flagrante a disparidade comparativa de como falou de Conselheiro sem tê-lo conhecido e o que falou de Moreira Cézár do qual tinha conhecimento de suas atrocidades no comando contra insurreições populares, bem como do “assassinato a sangue frio” que esse cometeu contra um jornalista adversário político.

As teorias que beberam no legado de “Os sertões” são embasadas em dados fidedignos? Se já na época da Guerra de Canudos, vozes como as de Machado de Assis e outros se distinguiam da de Euclides da Cunha demonstrando que talvez as informações sobre tal movimento, seu povo e seu líder não fossem capazes de construir pertinentemente a veracidade dos acontecimentos em tela. Só podemos inferir que algo como a perspectiva euclidiana que era militar da reserva, republicano e cientificista, contribuía a algum interesse. De fato a classe média brasileira procura se posicionar no poder ou ao menos participar dele. Mas, o grande problema de uma parcela emergente dessa classe média era outra parcela que já estava consolidada em sua posição, e era de certa forma conservadora na linha, tanto dos seus superiores em *status social*, (monarquistas, militares e coronéis/fazendeiros/intelectuais veteranos), quanto na garantia de seus interesses. Para deslocar esses grupos de suas prerrogativas consolidadas era preciso desestabilizar sua fonte de conhecimento e *status*, a tradição, e seu baluarte, a religião, mas como a Igreja continuava até certo ponto poderosa e se atualizava na luta por espaço social, político e intelectual então não podia ser responsabilizada pelas “crendices” do povo e pessoas, pois o próprio sistema religioso encontrava-se racionalizado instrumentalmente. No geral não se tratava só de dados fidedignos, mas da sua manipulação de informação, frente a um discurso de militância e socialmente controverso.

É possível dizer que “Os sertões”, tanto quanto seus interpretes imediatos e posteriores, até 1974 se fiaram em preconceitos enraizados na elite de suas épocas sobre o povo e a atuação popular? Sim, pois, influenciado pelo contexto internacional e nacional e pelo cientificismo em vigor na época, mesmo ambicionando responder as perguntas sobre as causas e um possível efeito da Guerra de Canudos, Euclides atribuía-as à causas genéticas e deixa de observar vários aspectos do povo, da terra

e da luta, já que ele considerava que para o processo civilizatório (progresso) do país seria inevitável a extinção de supostas sub-raças que habitavam a “terra Ignota”. Isso é um contra senso interessante já que para ele, o sertanejo “rocha viva” da nossa genética estava em situação superior à tríplice e afro-mestiçagem dos litorâneos, isso atinge ideologicamente os mulatos e não é forçoso lembrar que Machado de Assis é um deles. Precisamos reforçar que os dados documentados e teorias científicas, das quais, Euclides retirou informações preciosas e verídicas sobre a Guerra de Canudos foram subordinadas a toda uma ideologia racista, classista e etnocêntrica no sentido de buscar uma coerência com o projeto de civilização ocidental/eurocêntrico.

O olhar do jornalista em relação à Guerra de Canudos parece-nos apontar para o olhar dominante das elites brasileiras. Aquele sobre o qual, qualquer ser das classes menos favorecidas deve ser extinto, se rebelar-se contra os seus opressores, que para os pobres, eram os ditos civilizados, independente de que razão esteja reivindicando para si e para os seus. Assim, compreendemos que Euclides da Cunha está tão mergulhado no espírito intelectual da época, em seu ideal de povo brasileiro e estado republicano, que não conseguiu enxergar qualquer realidade além daquela que acreditava e pregava. A concepção sobre o Líder de Canudos e seu povo era de inimigo da república, do exército e da civilização. O heresiarca bronco que com o seu transloucado fanatismo havia desviado do meio econômico, muitas famílias e em seu reduto aceito marginais que poderiam colocar a lei sobre ameaça, não poderia ter qualquer motivo justo para defender seu arraial. Seu motivo era a insanidade, fruto da genética sua e de seu povo. Contra os argumentos euclidianos precisamos lembrar da confusão que ele fez quando equiparou: jagunços, cangaceiros, e capatazes, segundo Geraldo Ferraz de Sá Filho em sua “Pernambuco no tempo do Cangaço”, coleção de obras de teor conservador/oficial, a distinção entre jagunços e cangaceiros é muito clara, enquanto entre jagunço e capataz, as semelhanças são maiores visto que esses últimos sempre estiveram atrelados a contrato escrito ou oral à serviço dos coronéis locais, sendo que no norte/nordeste o jagunço assumia, quando em quando a função de capataz. E tanto uns como os outros eram extremamente dependentes dos coronéis. Já os cangaceiros eram tanto por si próprios, quanto por quem os pagassem, tendo um comportamento geográfico errante. Nomear os seguidores do Conselheiro de jagunços e equipara-los a cangaceiros é um erro conceitual de extrema ignorância e ou malícia, visto que os ditos jagunços de Canudos só podem ser classificados na pior das hipóteses como ex-jagunços e ou ex-cangaceiros, pois para seguir o Conselheiro deveriam abdicar de seus antigos hábitos incongruentes com o estatuto de Cristão.

Voltando para as questões dos intelectuais, Marx e Comte através de suas teorias buscaram dar respostas às questões de ordem existencial que se refletiam também na ordem social geral de suas sociedades. Euclides não se distingue desses nesse sentido. Mas, diferente deles e de Machado de Assis que vão dissecar o corpo social específico de seus espaços, propondo ou não intervenções, Euclides procura descrever o sertanejo a partir de uma ótica estrangeira, profundamente preconcebida

no centro do poder econômico e político da civilização ocidental. A projeção de Euclides era pessimista, mas principalmente descontextualizada.

Assim, as explicações e perspectivas sobre a realidade e soluções dos problemas brasileiros, pelo lado das elites, sempre estiveram atrelados a teorias e práticas estranhas ao Brasil e seu povo. Por isso a civilização ocidental atravessou as Américas e o Brasil, no começo com elites estranhas e posteriormente com elite autóctone, deixando um rastro de morte e genocídio imensurável. Escusado as questões de juízo moral e culpabilidade, é essa elite que vai ser o impulso e o desejo de Euclides. No panorama da discussão sobre Conselheiro e Canudos entre 1897 e 1970 a proposta interpretativa de Euclides da Cunha satisfaz a necessidade das elites de justificar a guerra de extermínio de Canudos, que envolvia busca pela sobrevivência e o sentido da vida dos sertanejos nordestinos. A pesquisa sobre Canudos continua em aberto e questiona a versão euclidiana e seus adeptos.

## REFERÊNCIAS

BASTIDE, Paul Arbousse. **Auguste Comte**: Biblioteca Básica de Filosofia. Trad. Joaquim José Coelho Rosa. Lisboa: Ed, Edições 70, 1984.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. 37. ed. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1995.

\_\_\_\_\_. **As lutas do povo brasileiro**: do descobrimento a Canudos. São Paulo: Moderna, 1988.

GALVÃO, W. N. **O Império de Belo Monte**: vida e morte de Canudos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

\_\_\_\_\_. **Euclides da Cunha**: militante da República. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2010.

HOORNAERT, Eduardo. **Anjos de Canudos**. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. Conselheiro o negociador do sagrado. *In*: BRANDÃO, S. (org.). **História das religiões no Brasil**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2001.

MAGALHÃES, Fernando. **Dez lições sobre Marx**. 6. Ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. Trad. de António José Massano e Manuel Palmeirim. Publicações Dom Quixote. Lisboa 1978.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; MACHADO, Humberto Fernandes. **O império do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

NOGUEIRA, J. C. de Ataliba. **Antônio Conselheiro e Canudos**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1974.

OTTEN, Alexandre H. **Só Deus é grande**: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro. São Paulo: Loyola, 1990.

OSCAR, Aquino Jacques Denize. **História das sociedades – das sociedades modernas às sociedades atuais**. Rio de Janeiro: Editora Afiliada, 1999.

SILVA, Marcos Fabrício Lopes da. **Machado de Assis, crítico da imprensa**: o jornal entre palmas e piparotes. Belo Horizonte, UFMG, 2005. Dissertação (Mestrado em Letras).

SILVA, José Maria de Oliveira. **Rever Canudos**: historicidade e religiosidade popular (1940-1995). São Paulo: USP, 1996. Tese de (Doutorado em História Social).

\_\_\_\_\_. Guerra de Canudos: prédicas em debate. **Revista Proj. História**. São Paulo, p.265-276, 2005.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. Messianismo, problemas de um conceito. *In*: ARAGÃO; CABRAL; VALLE (org.). **Para onde vão os estudos da Religião no Brasil**. São Paulo: ANPTECRE, 2014, p. 121-138.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**GABRIELLA ROSSETTI FERREIRA** Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.

Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.

Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL).

Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto.

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arte 7, 72, 87, 133, 134

### C

Civilização 5, 115, 161

Comunidade 62, 93, 94, 98

Conhecimento 54, 70, 97

Contexto 98

Cultura 2, 5, 8, 18, 24, 26, 54, 70, 72, 101, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 140, 142, 162, 164

### D

Democracia 134

Desenvolvimento 55, 70, 90, 97, 98, 99, 128, 164, 196

Diferenciação 2, 5, 24

Discurso 162

### E

Escola 98, 122, 125, 126, 128

### H

História 2, 3, 12, 13, 16, 17, 26, 30, 34, 39, 41, 42, 54, 70, 71, 72, 88, 115, 141, 151, 160, 161, 175, 176, 193, 194

### I

Identidade 25, 127, 130

### L

Liberdade 98, 185

### M

Memória 71, 72, 79, 117, 151, 164, 194

### P

Percepção 141

Política 42, 97, 127, 128, 129, 133, 134

Processo 141

## **R**

Realidade 88

Resistência 2, 5, 24, 154

Revolução 5, 27, 28, 35, 37, 38, 41, 42, 106, 111, 136

## **S**

Social 2, 5, 6, 17, 24, 26, 40, 41, 52, 55, 70, 88, 97, 131



Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-524-2



9 788572 475242